

Cultivando a OrquidaRio

*Raimundo Mesquita**

Não terei sido o primeiro a encontrar semelhanças entre o cultivo de orquídeas e participar, ajudar a crescer, manter e desenvolver uma sociedade de orquidófilos, a OrquidaRio, por exemplo, jovem sociedade de três anos, mas que (raridade para o lento tempo da orquídea!), já produziu algumas belas florações e, sem dúvida, está se tornando touceira e vai florir ainda mais, pois se trata de espécime de boa qualidade, que justifica que nele se invista tempo e dedicação.

Metaforizando, contemos sua história, desde que surgiu.

A divisão por corte e meristema

Todos sabemos que a orquídea entra em agonia de morte e nasce, todos os anos, regularmente. Agonia de morte, após florir, quando começa a lenta e inexorável morte, até o ressecamento total, do bulbo que cumpriu seu ciclo. Nascimento, porque o bulbo que vai morrer já lançou a gema do novo que o substituirá no ciclo que se renova e culmina na flor e no fruto sementeiro.

Quando a planta começa a apresentar muitos bulbos secos, já sem energia e função, para salvá-la, se é de boa

Maquete da sede em construção
Foto: Ana Lúcia Messias



qualidade, não há remédio, é cortar no rizoma, dividir para ter uma planta sadia e vigorosa...

Outras vezes e convivendo com o ciclo vital, a planta que é de boa qualidade, foi atacada pelo pior dos inimigos da orquídea, vírus. Não há remédio, senão o fogo para evitar a propagação que significa perda total, não apenas daquele espécime, mas de toda a coleção. Se a planta é boa, rara e valiosa valem o esforço e o investimento de reproduzi-la por meristemagem que produz clones isentos de infecção viral.

Assim, as sociedades que se desdobram de outras, crescem e podem, em tempo menor, readquirir vigor, já livres das partes senescentes, e voltar a florir, ou, mais demoradamente, se houve reprodução pelo tecido parenquimático, no caso de infecção viral.

É algo novo, que se faz, mas, ao mesmo tempo, a mesma planta, depurada do que arriscava matá-la... E, curiosamente, um mericlone não precisa, às vezes, mais do que três anos para florir...

O replante. Dispersão de sementes, sementeira

A OrquidaRio teve, no início, 32

* Rua Dona Mariana, 73 — Apt.º 902, Botafogo, RJ — 22.280.

bulbos, isto é, fundadores, todos de boa qualidade que floriram a um só tempo, na sua primeira e mais bela exposição, a primeira que realizou no Rio de Janeiro, no Rio Design Center, em setembro de 1987. Foi um desses raros momentos em que todos os sócios tinham, plantas de boa qualidade, florindo. Não aconteceu nenhum desses fenômenos estranhos a que o nosso Presidente, ALVARO PESSOA, chama de "a implicância natural das coisas" (ver, na revista *OrquidárioRio*, o nº 1, do Vol.1) e onde o medievo via o exercício de pequenos diabos, aprendendo as artes de apouquentar-nos, para que praguejássemos e, assim, fosse homenageado o seu principal...

Ali, naquela exposição, houve a polinização, por autofecundação. A *OrquidárioRio*, que já tinha o seu Estatuto e criara duas outras categorias de sócios, a de Contribuinte, para aqueles que, morando no Rio de Janeiro e se interessando por orquídeas, quisessem se associar, e a de Correspondente, os residentes fora do Rio de Janeiro e que, também interessados em orquídeas pudessem ser alcançados pela dispersão das sementes, melhor dizendo, pela revista *Orquidário*, fundada, logo no início da sociedade e conduzida, com altíssima qualidade e bom-gosto por FRANCISCO MIRANDA, que a fez, quase artesanalmente, por quase 3 anos, até que teve de se lembrar de sua vida e compromissos pessoais, mas o fruto, com boas sementes já havia crescido e amadurecia.

Mas não foi, apenas, pela sementeira da 1ª exposição ou da remessa da revista que cresceu o quadro social. Também pelo desenvolvimento, em novo bulbo, quer dizer, novo sócio, das gemas que tinha cada um dos 32 bulbos-fundadores da nova planta. O orquidófilo, sabidamente, é um fanático e, como em toda sociedade iniciática, sempre conhece um outro que o é, ou que ele tenta forçar a ser. Assim, foram surgindo novos sócios, alguns ficaram e ajudaram sociedade a se desenvolver, outros, poucos felizmente, foram atacados pelo fungo da podridão parda do desinteresse e escureceram, esses não florirão!...

O fato, porém, é um, a nossa jovem

planta, a *OrquidárioRio* já é uma touceira de mais de 300 sócios, muitos, uma boa parcela, a maior, que vicejam a florescem fora do Rio de Janeiro, espalhados pelo Brasil e já no exterior, que, com, regularidade recebem a fertilização, assim como os cuidados contra a praga do desinteresse e as doenças do desânimo e do isolamento, através da revista e da Mala Direta, recado periódico, com conselhos, dicas e notícias. Não por coincidência, a revista tem a periodicidade das estações do ano, tão importantes para a planta, e a Mala Direta é mais amiguada, como devem ser os cuidados permanentes da rotina do cultivo.

É bem conhecido o fenômeno da formação de colônias de orquídeas por efeito da ação do vento, que carrega as sementes para bem longe de onde produzidas, até caírem em lugares propícios à sua germinação. Assim fez a *OrquidárioRio*. Disseminou a Revista, usou listas de Mala Direta de orquidários comerciais e encontrou habitats especiais em quase todas as regiões do País e, hoje, também no exterior. Quanto alento nos vem para prosseguir quando recebemos as cartas, amigas, de sócios como o Joel da Silveira, de Araraquara, que nos diz, em correspondência de 29/03/89: "Não desanimem em relação à sua meta. O caminho é áspero, mas vocês já estão colhendo os primeiros frutos". Ou quando se recebe de sócios recém-admitidos, com o Pe. Cícero Marcelino de Melo, que, lá de Imperatriz, no Maranhão, manda-nos dizer, no dia 4 de abril, das suas dificuldades pela distância em que vive (não esqueça, porém, Padre, que aí perto de você existem belas espécies nativas) e nos indica que assuntos lhe interessam, ou, ainda, de Carlos Ivan de M. Guedes, de Miracema, que, ao nos mandar sua proposta, vai logo nos dizendo que, breve, vai querer saber um pouco sobre fertilização, um assunto que, por certo, irá desafiar Francisco Miranda, Alexis Sauer, Alvaro Pessoa, Roberto Agnes, ou outro dos grandes especialistas no assunto, a nos brindar com um artigo especial.

As colônias, resultado da dispersão, se estendem. E mais sementes estão sendo lançadas ao vento, de qualidade melhor.

Os vasos de plantio, manutenção das raízes e outros cuidados.

Uma planta recém-cortada está frágil e necessita de cuidados para não morrer. Todos sabemos como é fácil matar uma orquídea nessas condições. Sabemos até demais, porque todo orquidófilo, nos seus começos, foi, na verdade, um orquidicida — esta é regra sem exceção. Assim, há uma série de cautelas a tomar. Quando se divide ou replanta, não deve a planta receber a mesma intensidade de luz e temperatura de que gosta. Tem que ser cortada e retirada do vaso velho na época certa, aquela em que está pronta para lançar novo bulbo e novas raízes. As raízes velhas, secas ou apodrecidas devem ser cortadas, deixando-se algumas, as ainda boas, que mostram, pela sua cor e aparência, serem ainda capazes de desempenhar as funções de fixar e, também, de alimentar a planta, regenerando-se. O vaso, também, tem muita importância, o tamanho tem que ser certo e adequado para orquídea, com boa drenagem e quanto mais aberto, poroso e furado, melhor. Não pode ser muito fundo, nem muito grande, não muito maior que a planta, uns poucos centímetros a mais, além dos bulbos de frente. A planta nele instalada tem que ficar firme para poder lançar, em paz, novas raízes. É a hora dos tutores, das varinhas, dos araminhos, dos ganchinhos, dos macetes, em suma.

A planta levou um choque, as raízes sobretudo. Precisa de sombra, tranquilidade, boa ventilação e repousar em lugar, de preferência, não muito alto, sem excessos de temperatura. Há, até mesmo, quem previna o choque das raízes com vitamina B, a energia que revigora as velhas e acelera o surgimento das novas raízes, a vitamina que deu, às raízes da *OrquidaRio*, o entusiasmo, a energia de Alexis Sauer, Osmar Judice, Cristina Miranda, Ivana Zubic, entre outros, todos fundadores e eméritos cultivadores, para só citar alguns.

A tranquilidade foi assegurada pelo então presidente, Edward Kilpatrick, preciso, firme e calmo, o oposto do que se espera de um descendente

te da Escócia ou da Irlanda, decerto uma mutação genética... O vaso inicial e o lugar foram assegurados por Luis Clemente Ferreira de Souza, na sua chácara nos altos de rua de encosta de morro, um dos paraísos que o Rio ainda reserva. Para a *OrquidaRio*, não podia ser de melhor augúrio o nome da rua: Mundo Novo.

O vaso, contudo, precisa ser trocado, de quando em quando, como é bem sabido. Assim, foi a *OrquidaRio*, por artes de Carlos Eduardo Brito Pereira (cavalheiresco cultivador de magníficos *oncidiums*, para sua nova sede, à Rua Sorocaba n.º 122, no bairro de Botafogo, Rio, de onde só sairá para um novo vaso, este definitivo, a sua sede própria, em terreno que o Estado, reconhecendo a seriedade dos propósitos da Associação, lhe cedeu, no Horto Florestal da Chacrinha, em plena Copacabana, que já começou a nascer, a partir de um desenho de Manoel Martins, grande arquiteto e orquidófilo por contaminação da sua mulher Ivana Zubic (assim como Cecília, pelo Alvaro Pessoa, Sandra, pelo Hans Frank, Helena Eyer pelo Yvan Lassance, entre outros que estenderam às orquídeas o regime de casamento).

Não demorará, pois, a nossa planta de estar no seu novo vaso, onde se prevê venha a poder atingir todas suas finalidades de pesquisa, divulgação e estudo, com laboratório e biblioteca, cursos e conferências, para o que estaremos dotados de um auditório equipado e, por último, o que não poderia deixar de ser, uma estufa, com, sobretudo, espécies brasileiras e exposição permanente de plantas floridas e que servirá, também, para as aulas práticas de cultivo.

Por tudo isso, vela o entusiasmo juvenil de Waldemar Scheliga, que tem sacrificado um bom par de horas, que dedicaria às suas plantas e afazeres pessoais, para levar a bom termo o encargo de que assumiu, de presidir a Comissão de Construção da Sede.

Rega e fertilização. Combate de pragas e doenças.

A planta viceja bem, tem florido duas vezes por ano, pelo menos, nas exposições anuais que, regularmente,

temos feito, desde a fundação. Teve as suas crises, todas superadas e para que tem contribuído o entusiasmo, o ânimo do nosso Diretor Social, Hans O.J. Frank, incansável animador das reuniões e dos eventos comemorativos da *OrquidaRio*. São como o nitrogênio que a planta necessita para crescer.

Aplicados, com ciência, parcimônia e regularidade, os fertilizantes, como os modos de rega, que não pode ser excessiva para não afogar, nem de menos para que não sequem bulbos e raízes, garantem a vida e o bom estado geral de cultivo. Conseqüência disso e do permanente cuidado com pragas e doenças, é termos garantido um bom espécime, com perspectiva segura de boa floração.

Dois são as reuniões que, mensalmente, se promovem, uma, como já dito, Social, de bate-papo informal, em torno de uma mesa de comidinhas ligeiras organizada pela indomável Helena Eyer, Diretora de Exposições e de Excursões, que cultiva uns bombons de chocolate, de tão boa qualidade quanto as exposições e excursões que promove, ou as *purpuratas* que cultiva junto com Yvan Lassance. Mas não é só para comer e conversar que os sócios se reúnem, na Social, que acontece, sempre na quarta quinta-feira de cada mês. Ali se trocam idéias e descobertas, consulta-se sobre os problemas de cultivo, busca-se identificar a planta que não se sabe qual é, ou cuja etiqueta se perdeu, ou se apagou por artes dessas tintas ditas indeleveis... Sorteiam-se plantas, que "costumam" sair para os novos sócios, outras, de boa qualidade, trazidas por sócios de maior coleção, são leiloadas para aumentar os fundos da *OrquidaRio*. Está presente, também, o nosso Bibliotecário, José Maria Penido, com a, literalmente, ambulante biblioteca, como está, também, o Carlos A. Gouveia, provavelmente com uma nova idéia, tirada do seu computador, que pode ser um programa de gerenciamento de coleções de orquídeas, ou bela e chamativa proposta, convocando para ser dos nossos quem gosta de orquídeas. Tudo isto é muito importante porque a *OrquidaRio* não aceitou ser uma confraria de iniciados, igreja, uma sociedade secreta, mas, acreditando no que é, quer

abrir-se cada vez mais e crescer, porque o cultivo de orquídeas é coisa séria. E, aí, entra o Roberto Agnes, duro juiz que julga as plantas que vieram ornar as reuniões e se submeter ao concurso interno e permanente, nosso campeonato anual. Plantas sujas e mal cultivadas ouvem os reparos desse italiano que parece ter nascido entre *cymbidiums*, *phalaenopsis* e *vandas*, um dos grandes responsáveis pela alta qualidade dos concursos internos e das exposições da *OrquidaRio*.

Mas, os outros elementos nutricionais, macro e micro, também são fundamentais. As Reuniões Técnicas, a cada segunda quinta-feira do mês, objetivam suprir os sócios de conhecimentos científicos e técnicos. Geralmente, uma palestra proferida por especialista e, mais das vezes, amenizada por projeções. Há de tudo, segundo um calendário anual que objetiva preencher um aspecto, identificado como mais importante para a informação dos sócios. Ali se pode ver "monstros sagrados" da orquidofilia nacional e internacional, falando das suas pesquisas, experiências e práticas. Pode-se assistir Francisco Miranda falando de *Laelias* rupícolas, objeto de sua tese de botânica, como dos *Catasetums*, mas, também, com grande simplicidade, ensinando as práticas de plantar e reenvasar, como se pode aprender a, sem mistérios, semear in vitro, com Alexis Sauer; pode ouvir-se e ver Maurício Verboonen, do Orquidário Binot, ou Sandra Odebrecht Nissa, juíza internacional, falarem das práticas do cultivo em grande escala e das hibridações intensivas do patriarca Rolf Altenburg. Waldir Endzfeld, falando de sua experiência com os habitats de espécies brasileiras, Sérgio Oliveira, da CAOB, mostrar seus profundos conhecimentos das *Cattleyas* colombianas e andinas, Alvaro Pessoa a disseminar conhecimento e amor por *Sophronitis*, como Roberto Agnes a orientar sobre como se deve examinar e julgar uma orquídea, a informar sobre as últimas tendências, internacionais, de cultivo.

Enfim, o nosso espécime vai bem. Mão não prescinde de cuidados e por isso é que nós, seus cultivadores, dizemos: Se você gosta de orquídeas, é um dos nossos. Junte-se a nós.